



O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS CONCEPÇÕES SOBRE O ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

LIMA, Thiago Hallison Medeiros de¹.

Eixo Temático: Educação física e inclusão escolar

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como uma condição relacionada às dificuldades qualitativas na interação social, linguagem e movimentos repetitivos e estereotipados. O ingresso de educandos com TEA na escola regular é relativamente recente e desperta nos educadores desafios, ao mesmo tempo em que provoca receio e dúvidas, uma vez que muitos docentes estão acostumados com aulas em formatos tradicionais e pouco flexíveis. Nosso objetivo foi descrever concepções do profissional de Educação Física a respeito da inclusão do aluno com TEA. Este estudo é de natureza qualitativa. A participante foi uma professora de Educação Física. Para a coleta de dados, foram utilizados: observação; entrevista semiestruturada e sessões reflexivas sobre a prática da professora. Com a análise dos dados, foi possível constatar uma prática voltada à inclusão do aluno com TEA e atenta a diversidade do alunado no geral, considerando as avaliações diagnósticas realizadas pela professora, que serviam como base de conhecimento da turma e planejamento das aulas. Diante disto, foi possível constatar que a professora possuía pouco conhecimento sobre o TEA, entretanto, buscava mais conhecimentos junto aos demais profissionais da escola, pais de crianças com TEA e em meio a prática cotidiana com os alunos.

Palavras-chaves: Transtorno do Espectro Autista. Educação Física. Inclusão escolar.

¹ Mestre, Secretária de Educação de Marechal Deodoro/AL, Maceió-Alagoas, emaildothiagolima@gmail.com.



INTRODUÇÃO

O autismo encontra-se hoje dentro de um espectro, apresentado pelo DSM V (APA, 2013), como Transtorno do Espectro do Autismo - TEA. Neste espectro estão incluídas três condições que possuem vários aspectos incomuns: o transtorno autístico (autismo), o transtorno de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância e o transtorno global ou invasivo do desenvolvimento sem outra especificação.

No atendimento de necessidades a serem estimuladas na criança com TEA, a Educação Física, é área rica em contribuições para o desenvolvimento psicomotor. Neste sentido, trazemos um estudo realizado por Lourenço *et. al* (2015), que após reunir, segundo estes autores, os principais estudos que foram realizados nos últimos anos no âmbito da atividade física em indivíduos com TEA, nos fala do crescente uso do exercício físico como instrumento de desenvolvimento das pessoas com TEA, entretanto, salienta a necessária investigação teórica que suporte esta utilização.

As intervenções e êxitos por meio da Educação Física, relacionados às pessoas com deficiência, neste caso, com TEA, são animadores, e deve ir além de intervenções individualizadas, indo rumo a atividades mais acolhedoras e estimulantes, sobretudo no ambiente escolar, onde inúmeros desafios são travados na inclusão escolar. A inclusão é benéfica para todos que convivem com alunos com deficiência, propicia desafios, mas com eles, reflexões e aprendizado relevante. Em geral, os alunos desenvolvem amizades, trabalham em grupos, aprendem a compreender, a respeitar, a conviver com as semelhanças e as diferenças individuais de seus pares, permitindo uma troca significativa para os dois lados.

O ingresso na escola regular, especificamente dos educandos com TEA, é algo recente, e esse fato trouxe novos desafios à escola e a professores que irão recebê-los (CUNHA; MATA, 2006). Segundo o Censo Escolar, as escolas públicas da cidade de Maceió têm registrado um número crescente de matrículas de educandos com TEA. Em 2010, havia 13 educandos regularmente matriculados enquadrados nessa condição. Em 2011, esse número subiu para 29; e em 2012, para 43 (BRASIL, 2010; 2011; 2012). Assim, podemos dizer que houve um aumento de mais de 100% de educandos matriculados com TEA nos últimos anos.

É na tentativa de contribuir com a formação de professores de Educação Física, demais profissionais e familiares, envolvidos e comprometidos com o desenvolvimento e inclusão escolar de pessoas com TEA, que nosso objetivo com este trabalho, foi descrever concepções do profissional de Educação Física a respeito da inclusão do aluno com TEA.

MÉTODOS

O estudo possuiu abordagem qualitativa, pois esta abordagem de pesquisa está relacionada e centrada no estudo das relações sociais, considerando sua pluralidade nas diferentes dimensões da vida (FLIK, 2009).



Na comunicação realizada entre pesquisador e o campo investigado, voltamos nosso foco na comunicação com o informante àquele que melhor poderia falar sobre sua prática, a partir de suas vivências e consequentes memórias do vivido. Na literatura científica, esta ênfase é dada pelo método da história oral. “Um método que se utiliza da entrevista e observações participantes e não participantes, enquanto técnicas para registro dos fatos e/ou acontecimentos, visando compreender a sociedade” (MARCONI; LAKATOS, 2012, p. 140).

A nossa única participante, informante de nosso estudo, foi a professora Maria², 48 anos, formada em Educação Física (licenciatura plena) pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) desde 1993. Era funcionária efetiva do quadro de servidores do município de Maceió e do Estado. Entretanto, todas as horas (40 horas) do serviço público eram centralizadas numa única escola (municipal) havia aproximadamente seis anos. Ela era a única professora de Educação Física lotada na escola. A professora também ministrava aulas numa escola particular, igualmente localizada na cidade de Maceió.

O parecer substanciado do CEP/Ufal foi favorável ao projeto por meio do protocolo: 1.455.555/2016, após esclarecimentos, a participante assinou o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE.

Para coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada (FLICK, 2004). E para a análise dos dados, a análise de conteúdo. Vale destacar que este tipo de técnica, conforme Severino (2007, p.56), “procura ouvir o autor, apreender, sem intervir nele, o conteúdo de sua mensagem”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Questionamos a professora Maria a respeito do entendimento dela sobre o aluno com TEA, então, a professora organiza seu conceito com base nas diversas características dessa síndrome. Vejamos o recorte a seguir:

Tudo que eu sei é o que as coordenações me passam, o que os pais dos alunos que têm (autismo), que me procuram, me passam e o que eu vou aprendendo na troca com professores, com colegas, entendeu? (Prof.^a Maria, Entrevista 1, em 14/04/2016).

Nesse primeiro recorte, percebemos que o conhecimento adquirido pela professora a respeito do TEA é bastante restrito. Neste sentido, é preciso cautela, pois, em algum momento, esse entendimento restrito do sujeito pode vir a limitar as possibilidades desse professor junto a esse aluno. A respeito do TEA a professora acrescenta:

O autista vive o mundo dele, o mundo que ele cria e que ele viaja naquele mundo ali. (...) E a outra coisa é, em alguns casos, a dificuldade de toque, e

² A identidade da participante foi preservada em conformidade com os princípios éticos envolvendo seres humanos. Desta forma, o nome empregado à professora é fictício.



também a dificuldade de interagir com as pessoas, com a realidade, fuga dessa realidade (Prof.^a Maria, Entrevista 1, em 14/04/2016).

O que fica mais evidente na fala da professora é a afirmativa sobre aquela pessoa que vive em um outro mundo, aparentemente diferente do nosso. O fato de a pessoa com TEA parecer estar alheia ao mundo não significa viver em outro mundo. Uma vez que, as dificuldades comunicativas e consecutiva limitação nas formas de interação podem estar relacionadas a esse comportamento de isolamento e de formas peculiares de interação.

A professora nos fala sobre como costuma iniciar as aulas e planejamento para as turmas que possuem alunos com deficiência. Ela menciona que já no primeiro dia de aula, ministra uma aula simples, sem muitos comandos e com uso de material, na qual os alunos são livres para interagir, manusear o brinquedo, com apenas algumas ressalvas para segurança deles. A professora procura observar o nível de independência da turma e do aluno com deficiência para atividades sem grandes exigências de orientações. Apenas num segundo momento, outros aspectos, como a organização do aluno com deficiência para atividades com maior orientação e uso de regras, serão observados. Há um aumento gradativo em exigências, respeitando limites e possibilidades individuais.

Apesar de a professora apontar como a principal dificuldade do aluno com TEA sua incapacidade de interação com a turma, ainda assim achamos fundamental e importante a forma com que a professora direciona a turma para auxiliar no processo de inclusão; neste caso, de um aluno com TEA que faz parte da sua turma, de forma que este aluno seja valorizado entre seus colegas. Um ambiente de ajuda mútua e de respeito às diferenças.

O que podemos pontuar com relação à inclusão do aluno com deficiência, nesse caso, especificamente do aluno com TEA, com base nas falas da professora entrevistada, e que nos parecem fundamentais na garantia desse direito, resumem-se a três pontos:

- Um primeiro ponto é ter um olhar para toda a turma, nela encontrar as especificidades, num caminho que vai do geral ao particular e do particular ao geral das características da turma;

- No segundo ponto, percebemos que, apesar de necessitarmos de um caminho metodológico para o ensino da turma, este não precisa ser a partir de um método único, mas complementado com o que há de compatível em diferentes métodos com a diversidade e realidade do alunado, que só é possível quando o conhecemos com maior profundidade, onde a avaliação diagnóstica da turma parece ser relevante, não sendo uma tarefa fácil, mas que, daí, poderá criar propostas mais eficazes que possam incluir todos os alunos.

CONCLUSÕES

Em nosso estudo, percebemos que o conhecimento conceitual da professora sobre alunos com TEA era bastante restrito, porém vimos que em seu percurso docente possuiu experiências junto a esses alunos. Permitindo-nos afirmar, que foi na escola onde essa



professora desenvolveu grande parte dos saberes docentes necessários para o atendimento prático dos seus alunos com TEA.

É imprescindível que novos estudos sejam realizados, abrangendo um número maior de escolas e professores, para que os resultados sejam condizentes com a realidade da ampla maioria, gerando, a partir disso, ações focais diante do quadro urgente de formação docente para uma prática inclusiva.

REFERÊNCIAS

APA (American Psychiatric Association). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. DSM-V, 2013.

BRASIL. **Censo Escolar 2010 – Educacenso**. - Número de alunos com Deficiência, Transtorno Global do Desenvolvimento ou Altas Habilidades/Superdotação. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Diretoria de Estatísticas Educacionais – Deed, 2010.

BRASIL. **Censo Escolar 2011 – Educacenso**. - Número de alunos com Deficiência, Transtorno Global do Desenvolvimento ou Altas Habilidades/Superdotação. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Diretoria de Estatísticas Educacionais – Deed, 2011.

BRASIL. **Censo Escolar 2012 – Educacenso**. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep. Diretoria de Estatísticas Educacionais – Deed, 2012.

CUNHA, P.; MATA, O. M. Rompendo Paradigmas na Gestão Escolar In: ROTH, B. W. **Experiências educacionais inclusivas: Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.
LOURENÇO, C. C. V. et. al.. Avaliação dos Efeitos de Programas de Intervenção de Atividade Física em Indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 21, n.2, p. 319-328, Abr-Jun, 2015.
SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. revista e atualizada. São Paulo, Cortez, 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7 ed. 6 reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.